



# Gaiato



PORTE  
PAGO

Quinquenário \* 19 de Janeiro de 1985 \* Ano XXI — N.º 1066 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Um doente do nosso Calvário, em Beire — Paredes. «O Calvário é um nome tirado do Evangelho. É o resumo de toda a economia da Redenção. Fazem hoje falta no mundo estes nomes, estas ideias, estas Obras humanas de sabor divino. Um lugar onde cada padecente leve, sim, mas não arraste a sua cruz dolorosa.»

● «Vimos o Senhor!» A ânsia feliz que os discípulos sentiram ao darem a novidade uns aos outros. De novo, o seu rosto, a sua palavra, os seus gestos. O Espírito de Deus os tomou e, daquele momento, só a preocupação intensa e dominante de darem a grande novidade: «Vimos o Senhor!»

Não mais a Palavra na boca dos Profetas... Mas a Palavra do Pai na verdadeira voz do Verbo que Ele nos enviou. Seu corpo assumido no seio da Virgem. Plenitude de uma nova criação.

— Onde moras tu? — perguntaram alguns discípulos quando o Senhor os chamou. — Vinde e vede — respondeu o Senhor.

Eles foram, ficaram e conheceram-no.

A mesma novidade para nós, neste Natal. O mesmo convite à fé: «Vinde e vede». Deus conhece-nos a cada um pelo seu nome! Não há nada mais maravilhoso. Quer que nós O conheçamos... Conhecê-LO! A coisa mais importante para todos nós neste Mundo.

A suprema alegria e fonte de

## NOTAS DA QUINZENA

verdadeira paz! «Vimos o Senhor!»

● Também o Padre Farinha viu o Senhor. E deu aos homens a notícia maravilhosa com a sua palavra e o seu exemplo de sacerdote do Senhor. Faleceu no dia 4 deste Janeiro com perto de 102 anos de idade.

Vivia em Lisboa, sua Diocese, numa casinha modesta. Já não saía nem celebrava. Foi lá um dia celebrar e ouvi-lo de confissão. Como me senti feliz e tão pequenino diante daquele santo! Santo. Pobre de bens. Liberto. Dava tudo. Os «Padres da Rua» somos testemunhas. O seu último trabalho foi um esboço histórico sobre a Obra da Rua, onde revela toda a ternura que sempre teve por Pai Américo e pela sua Obra.

Adeus Padre Farinha. Sabemos que estás com o Pai. Com Ele na plenitude da Alegria por toda a Eternidade.

● Era uma menina prendada. Vivia em Angola com seus pais. Todas as quinzenas lia O GAIATO. Leu depois o Pão dos Pobres. O Senhor aproveitou e pôs no seu coração uma semente. Um dia veio a férias. Os seus primos levaram-na a visitar o Minho. No regresso

perderam-se e foram dar ao portão da nossa Aldeia do Calvário, em Beire — Paredes. Ela quis ver, pois conhecia a Casa do Gaiato de Benguela. Viu. Ao entrar no automóvel disse em desabafo: «Aqui está um sítio onde nunca me apanharia». Mas a semente estava... Daí a uns dias pediu aos pais que a deixassem passar quinze dias de férias numa casa de crianças. Mentira piedosa! Deixaram. E veio para a nossa Aldeia dos Doentes incuráveis. Foi há 14 anos!

Encontré-la, há momentos, de joelhos, ao lado da cama da Anita, um bebé de 17 meses.

— Veja bem — disse — não lhe parecem normais todos os gestos da Anita?

Os médicos, quando o bebé veio, afirmaram que era anormal. Ela, agora, que não. Vive este sonho doirado. De facto, vê-se claramente a evolução desta criança, movida pelo carinho desta mãe-menina, que se perdeu, um dia, num caminho de alcatrão e se encontrou, verdadeiramente, no caminho do belo ideal de amor ao Senhor e aos Irmãos.

Também ela viu o Senhor!

E, todos os dias, debruçada sobre os nossos Irmãos sofredores, mostra-nos a Sua verdadeira face.

Padre Telmo

## AQUI, LISBOA!

«Tem necessariamente de sofrer quem no mundo se propuser fazer o Bem, bem feito. Ganham-se vitórias, sim; todas as vitórias. Não pela força, mas pela fraqueza.»

(Pai Américo)

■ Passou no dia 4 de Janeiro trinta e sete anos sobre o nascimento desta Casa do Gaiato, actualmente com cerca de 120 jovens. Como não podia deixar de ser, tal efeméride foi recordada e lembrados todos

aqueles que, de dentro ou de fora, falecidos ou vivos, deram o contributo para a sua existência ou dela receberam o seu apoio.

Há já mais de 20 anos que temos sobre os nossos ombros a responsabilidade desta Casa, excepção feita a algum tempo entre 1975 e 1976 e, ultimamente, por doença. Falar dos desencantos, sofrimentos, desilusões e fracassos, nada adian-

Cont. na 4.ª página



## PAI AMÉRICO

A relação de João Baptista para Jesus repeti-se nos Servos de Deus: Estes são os que viram e atestam que Ele é o Filho de Deus; os que se propõem «diminuir para que Ele cresça», desaparecer para, diante dos homens, O pôr no Seu lugar; os que proclamam a justiça de serem ultrapassados por Aquele que era antes de eles serem, «o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo», do Qual se não acham «dignos de desatar a correia da sandália».

É neste caminho «endireitado» por João Baptista que surge o encontro de Jesus com os primeiros Apóstolos que, de discípulos de João, se tornam seguidores do Único que é Mestre e Senhor. Apontá-LO, mostrá-LO já no meio de nós — eis a missão dos Homens de Deus, conscientes da sua transitoriedade, da sua dispensabilidade e felizes porque «quem tem a noiva é o Noivo; e o amigo do

Noivo, que Lhe assiste e O escuta, sente muita alegria ao ouvir a Sua voz».

P.e Telmo anunciou no derradeiro número de O GAIATO a nossa decisão de pedirmos à Igreja que tome em Suas mãos o reconhecimento de virtudes heróicas em Pai Américo. O fundamento deste pedido começa no paralelo que consideramos nesta introdução, o qual se verifica com tanta força em Pai Américo que, tendo barca e redes a deixar, as deixou imediata e incondicionalmente quando Jesus lhe disse, também a ele: «Segue-Me».

A Humildade exprime-se na sua confusão, no espanto por o Senhor o haver chamado. Na verdade não são os homens que O escolhem, mas Ele que os elege e os assume do meio dos outros, a um nível alto da Sua amizade: «Já vos não chamo servos, mas amigos». E essa amizade, aceite e correspondida, torna recto o coração do

homem, fá-lo capaz de receber a «Luz que se levantou nas trevas» e de andar a essa Luz.

Cristo amou-o com predilecção e ele foi um apaixonado por Cristo. Por isso «se gastou em revelar ao mundo as incompreensíveis riquezas de Cristo». Todo o dinamismo da sua vida brota do «mergulhar incessante na vida escondida do Mestre». Toda a sua purificação resulta da Esperança «no admirável amor que o Pai nos consagrou em nos chamarmos filhos de Deus». Esta é a nossa grandeza, para a qual não temos outro receptáculo senão «a fragilidade das nossas misérias, na qual devemos guardar e fazer render o dom da escolha».

A Humildade e a Pobreza confundem-se porque «o espírito que nos coloca na primeira Bem-aventurança», antes de mais refere-se ao que somos e só depois ao que temos ou deseja-

Cont. na 4.ª página

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● É um casal jovem. A mulher, quando pode, labuta no campo. O homem, porém, é outro indiferenciado que, todos os dias, vai no comboio para o trabalho, no Porto. Aqui, não seria mais do que um mero jornalista.

Por isso, esta região — passagem do litoral para o interior — é quase um *dormitório* da capital do Norte. E poderia não ser, se o desenvolvimento integrado fosse uma realidade.

Agora, num sentido mais lato, a análise conjuntural revela que os migrantes fixados em grandes meios urbanos sentem muito a agressividade da crise; e um pouquinho menos os que não abandonam, definitivamente, o meio rural, desde que amanhã pequenas áreas de cultivo, ainda habituados a prover-se do que a mãe-terra dá, por suas mãos. Um dado que terá de pesar nos centros de decisão.

No caso vertente, o jovem casal decidiu, em tempo, levantar uma moradia decente — em belíssimo local. Enquanto a obra subia, algumas vezes nos debruçamos no perpiano, extasiados com a panorâmica do Vale do Sousa! E numa dessas ocasiões acentuámos o risco do empreendimento — face ao custo de vida. «A gente vai só até onde pudermos. Precisamos duma casa...» — disse ele. Agora, a mulher aparece com um rosto de caso — debilhada! «A vida está muito difícil! O ordenado do meu home não dá p'ra nada! Já estivemos p'ra vender a casa...! Temos chorado muito...! Botem-nos a mão com mais alguma coisinha p'ra acabarmos as paredes do primeiro andar, e não termos humidade no rés-do-chão...»

Um rosário de lamentações!



A Fatima, estudante de medicina e o Tomás, que foi da Casa do Gaiato de Malanje, professor de educação física, casaram em Setembro no Convento da Arrábida.

Se as potencialidades destas famílias fossem avaliadas criteriosamente — e aplicada a legislação vigente que *dorme nas gavetas* — beneficiariam de projectos aprovados, etc.

Quanto teria gasto este casal só no processo de construção da moradia? Daria para telhar o prédio...!

As empresas imobiliárias dizem que os impostos pagos durante a construção equivalem a metade do valor duma casa! Que dizer dos Autoconstrutores, apesar de muita mão d'obra não ser contabilizada!?

Na véspera de Natal, as lágrimas da pobre mulher caíram fundo em nossa alma! Foram logo amenizadas com a generosidade dos leitores — *Reis Magos* que acenderam um clarão de Esperança neste *presépio* do século XX.

**PARTILHA** — Assinante 12594, de S. Domingos (Sardoal), 200\$00: «Nos tempos que correm todas as gotinhas fazem jeito». O dar cristão é assim mesmo! Assinante 5045, da Avenida da Boavista — Porto, «modesta contribuição» para a Conferência. Assinante 7038, de Odivelas, 300\$00. «Avó de Sintra» manda 3.000\$00 «para a família do costume, um pouquinho mais para umas broas» da quadra natalícia.

Rua D. António Barroso — Barcelos, 5.000\$00. Av. D. João I — Rio Tinto, oportuna remessa e mais 1.000\$. Assinante 27527, de Viseu, 1.500\$00 «para auxílio aos Pobres mais necessitados, dando graças a Deus pela protecção que me tem concedido» — acentua este Amigo, religiosamente. Assinante 3107, de Lisboa: «Se acharem que sobra alguma coisa (das contas com O GAIATO), fica para a Conferência. Está bem?» Dissemos que sim — e agradecemos. Assinante 4452, do Porto, 500\$00 e carta amiga: «Quería mandar mais, mas estou reformado e, graças a Deus, com certas economias, consegui fazer este envio... com alegria» — sublinha. Assinante 4546, da Rua D. Estefânia — Lisboa, 1.000\$00. Assinante 9811, da Maia, idem.

Por fim, outros 1.000\$00 da Rua da Carreira, Baguim (Rio Tinto), expressamente para a Cancerosa.

Retribuímos votos de santo Ano Novo e agradecemos tudo em nome dos Pobres.

Júlio Mendes

## MIRANDA DO CORVO

**ELEIÇÕES** — Houve mudança de chefes. Os três ex-efectivos já há muito que tinham esse cargo; também eram os mais velhos e por esse motivo obrigados à educação dos mais novos. O «Tonito» (ex-chefe-maioral), já o era há cinco anos consecutivos, tendo sido reeleito nas eleições anteriores e após já dois anos de serviço. Os outros dois (Zé e «Chola», ex-primeiro e segundo chefes) foram eleitos nessa altura, tendo-se mantido nesse cargo até às novas eleições.

Como manda a Democracia, as eleições são feitas segundo a livre vontade de cada um, tendo-se à escolha um determinado número de candidatos, que eram cinco, por ordem de idade: Manuel Martins, António Miguel, Fernando Martins («Patinho»),

Fernando Elídio e Pedro Manuel — dos 15 aos 18 anos.

O escrutínio final apresentou a seguinte votação pela ordem dos nomes já indicados: 20, 2, 7, 6 e 2 votos. Como para haver maioria absoluta são necessários metade e mais um dos votos e não tendo havido nulos no total de 37 votantes, a maioria coube ao Manuel Martins (Manel) com vinte votos tangenciais. Finalmente, acordou-se atribuir os cargos da sub-chefia aos dois outros mais votados: o «Patinho», 1.º sub-chefe e o Fernando Elídio, 2.º sub-chefe.

Parabéns ao Manel e que juntamente com os outros dois saibam formar uma equipa que mantenha a ordem sem a impor.

**AULAS** — Ai está o segundo período do ano lectivo 84/85. Ainda há tempo de corrigir o que está mal e melhorar o que está bem. No nosso Lar há alguns que não estão famosos e, em parte, por culpa deles. É preciso não nos amedrontarmos com os resultados do período anterior ou, por outro lado, não julgarmos que não é preciso mais; é sempre preciso dar tudo e, nesse caso, há a satisfação plena de se ter cumprido, mesmo que os resultados não sejam tão bons como seria de desejar.

Precisamos de começar a trabalhar no princípio para que no meio possamos trabalhar para o fim. Que todos sejam felizes no seu e com o seu trabalho.

## Escutem

Dêem uma oportunidade

À paz e à liberdade.

Dêem força e vigor

Ao prazer de ler

E de escrever

E ao ecológico amor.

Dêem entusiasmo

À vida e esqueçam o sarcasmo.

Dêem uma simbólica flor

Aos jovens estreados...

Que sentiram e viveram,

Com prazer e com dor

Uma vida errante.

Dêem uma ajuda

Calorosa e amistosa

À mente taciturna

E, em maré desairosa,

Dêem espaço

Ao sol dourado

Em vossas vidas.

Ou batam palmas

Quando o amanhecer

Despertar em vossas almas.

Dêem uma porta sem grades

Ao pássaro engaiolado

Para ele sair e entrar

Sempre que necessitar.

Dêem alegres pensamentos

Ao cérebro solitário.

Dêem belos sentimentos

Ao coração dilacerado.

Dêem uma escada alta

Para a vida-principiante subir.

Se ela cair,

Estendam a tempo os vossos braços

Para o Alto.

Manuel Amândio  
2-1-85

**FESTAS** — Foi o Natal e o Ano novo, sem dúvida dois grandes motivos de festa.

A do Natal começou na véspera de manhã para ficarmos limpos para a festa, à noite. Depois da Consoada a Missa do Galo, na qual o ambiente festivo da nossa Capela foi aumentado.

De manhã nada melhor que as nossas broinhas e depois uma corrida até à sala da televisão onde os presentes punham a malta indecisa. É norma cada um escolher o seu presente, começando pelo mais pequenino até ao maior. Nada de histórias do Pai Natal... E, assim, cada um não pode queixar-se daquilo que leva porque ele próprio escolheu, se bem que aquilo que levam é do que mandais para nós com tanto carinho.

O resto do dia decorreu normalmente, não faltando os nossos mais antigos, costumeiros na sua vinda com as famílias.

Assim foi o nosso Natal. Que o vosso tenha sido tão bom ou melhor.

Foi-se 1984 veio 1985. Todos esperavam grandes mudanças, mas em cada dia que passa descobrimos que está tudo na mesma ou pior! Na

passagem do ano estávamos quase todos com olhos atentos à televisão, à espera que batesse a meia-noite e em união com quase todo o Mundo inteiro dizemos bem alto: «Hurra, 1985». O ano mudou e foi a festa. Champanhe até acabar, filhoses preparadas na tarde do ano anterior e muitos bolinhos, aqui e além acompanhados de um cálice de Porto e, para os mais pequeninos, laranjada — é do que temos.

No primeiro dia do ano vieram muitos dos nossos que já por cá passaram e continuam a passar. Não julgávamos que viessem tantos, mas no domingo, véspera do aniversário da nossa Casa, foram muitos mais.

Alguns vieram logo de manhã, outros foram chegando à medida que o tempo avançava. Estávamos à espera deles, por isso com uma cara bem conhecida de quase todos. À tarde jogaram futebol, velhos e novos; e, mais lá para a noite, após uns dedos de conversa, seguiram para as suas famílias, para as suas casas.

Desejamos um Feliz Ano Novo para todos.

Chiquito-Zé

## CANTINHO DAS SENHORAS

Um dia, sentada no jardim,  
Olhei as flores mais belas e  
[sonhei;  
E perguntei à rosa mais bonita  
Se havia uma razão para eu  
[existir...

Pois eu queria saber porquê  
Existe o sol, o mar, a flor;  
Pois eu queria saber porquê  
Existo eu, eu e para quê?...

Esta foi a canção que, este ano, os nossos pequeninos ouviram mais vezes cantar na praia. A Paula, o João e o João Paulo cantavam-na com toda a alma, com todo o sentimento. Esta canção é uma mensagem... Às vezes, canto-a com os mais pequeninos.

E quando eles estão nas suas camitas de bocas abertas, sonhando durante a sesta, outras vezes à noite, eu pergunto ao Pedro, ao Gilmar, ao Lúcio e aos outros, em silêncio:

— Diz-me se há uma razão para eu existir... Diz-me porque existes tu e eu — porque existimos nós?

O Salmo 138 diz-nos:

«Vós é que plasmastes o meu interior, me teceste no seio de minha mãe, nada da minha substância escapava quando era formado no silêncio, tecido nas entranhas da vida humana. Vossos olhos contemplaram-me em embrião...»

Tão bonita esta página da Bíblia!

Se nós pensássemos bem a sério passaríamos a vida a cantar, interiormente, um hino de louvor ao nosso Criador.

Se pensassem nela tantas

mulheres antes de cometerem o crime do aborto!...

Tantas conversas estúpidas, de falta de respeito pela vida e pela dignidade se ouvem na rua, no autocarro, nas salas de espera dos consultórios...

Que respeito pode ter pela mãe um filho, quando ela diz diante dele com o maior à-vontade: — Estes vieram porque a vida corria melhor, mas antes deles outros se foram embora... Não podíamos suportar esses encargos. Foi melhor assim do que vê-los mal arranjados por aí, ou então dá-los a quem os criasse.

Aqui, à hora da sesta, no silêncio do quarto dos pequeninos, eu tenho as melhores horas do meu dia de mãe numa Casa do Gaiato. Sinto a presença de Deus que olha por estes amores puros, como uma mãe desvelada olhando e cuidando deles.

«Ainda que alguma mãe se esqueça de seus filhos, Eu nunca vos abandonarei» — diz Ele.

Lá em baixo tudo é vida! A copa, a cozinha, os martelos, as máquinas... Uns cantam, outros assobiam e outros zangam-se. Vida, movimento... Às vezes, as horas são difíceis de passar. Mas olhando bem para a obra que está feita, nesta Casa do Gaiato e nas outras, apetece-me pôr estes rapazes que vejo crescer aqui, a dizer: — Obrigado, Senhor, porque és meu Amigo! Porque estás sempre comigo, mesmo sofrendo, às vezes. Obri-



## Novos Assinantes de «O GAIATO»

Durante o ano de 1984 inscrevemos 5.000 novos assinantes! Mais do que o número — impressionante! — sublinhamos o interesse dos novos leitores, até porque muitos só agora ficaram a conhecer mais intimamente a Obra da Rua, a Mensagem que transpira d'O GAIATO.

Neste momento expedimos regularmente o Jornal — via CTT — para 33.000 amigos; e como a tiragem ronda os 55.000 exemplares, temos, ainda, 22.000 leitores-avulso que recebem o «Famoso» da mão dos nossos pequenitos distribuidores nas regiões do Porto, Coimbra, Lisboa e Setúbal.

No entanto, ao contrário do que é normal, O GAIATO não pode — não deve! — ser ava-

**gado, Senhor, por todos nós.**

E um dia virá o novo Céu e a nova Terra anunciados pelo Apocalipse. Deus enxugará todas as lágrimas, transformará a nossa vida e tornará novas todas as coisas. Então não haverá mais fome, nem guerra, nem ódio, nem dor, nem luto, nem pranto. Terá acabado o sarilho mundial...

Tantas vezes eu disse aos pequeninos da Catequese:

— Deus gosta mais de ti — Rosa, João, Mário, Carla, Manuela, José, Hilário... — do que de todas as montanhas, rios, mares, praias, fontes. Gosta mais de ti só, do que de todas as máquinas... Mais do que de todas as coisas bonitas da Terra.

E as crianças, às vezes, muito admiradas:

— **Eu valho mais do que o sol, do que os carros todos, do que as televisões todas!...**

— Olha que vales... porque tu és o único para Deus. Foste criado à Sua imagem e semelhança. Tu és capaz de pensar, trabalhar, amar, sofrer; conheces a cor do teu vestido, do teu caderno, o nome da tua mãe. E as flores, mesmo as as mais bonitas, não sabem o seu nome nem a sua cor.

Nem sempre as crianças e os jovens acreditam nisto. Mas nós temos de apresentar Deus como um Pai que ama os Seus filhos acima de tudo e dar-lhes como exemplo o amor dos pais.

Eles têm a experiência que lá em casa está tudo primeiro do que eles.

E quando dizem que os pais têm tempo para tudo menos para eles?!

Tantas coisas inventam para nos chamar a atenção! Que andamos distraídos, que deixamos passar as melhores horas da vida... Para eles, para nós.

Sempre atarefados, preocupados com a sobrevivência... O Evangelho diz-nos: — Não vos preocupéis com o vestir, o comer... Procurai primeiro o Reino de Deus e o resto virá por acréscimo.

Que diria Pai Américo ao Mundo de hoje?

Isaura (de Setúbal)

liado pelos números, ainda que destoemos na era da Cibernética. É que para além deles conta, para nós, sobretudo, o universo das almas — que não tem aferição terrena. São tantas as que vivem e partilham O GAIATO — num diálogo vivo e operante — e fazem seu, muito seu, o nosso Jornal, acentuando o possessivo d'alma cheia! Só no ano de 1984 — que o progresso motiva os responsáveis da Administração do «Famoso»! — 25.000 dos 33.000 assinantes marcaram presença activa, de variadas maneiras. É sempre um correio escaldante! Tanto assim que, sendo possível e oportuno, transcrevemos alguns excertos de cartas que revelam não só a aceitação como a plena vivência da leitura d'O GAIATO. Não há dúvida, a hora do correio é das mais deliciosas — quicá a mais deliciosa — da nossa Obra e, por isso, revela como ela se projecta no Mundo inteiro.

Os senhores — e as senhoras — desculpem este pequenissimo balanço, que não deixa de ser interessante para melhor conhecermos, por dentro, uma das facetas do nosso Jornal.

Vamos agora referir a **procição** de novos leitores que, de há um mês para cá, decidiram, conscientemente, passar a receber o «Famoso». Sublinhamos conscientemente porque não temos estruturas adequadas para manter ou motivar **prováveis** assinantes. Aliás, neste aspecto, a maior parte dos amigos interessados na expansão d'O GAIATO já compreenderam — e bem — a linha do nosso Jornal. Tanto que, na correspondência, é uma delícia analisar a proveitosa acção de alguns da Murtosa, Lisboa, Porto, etc. São listas de novos assinantes que respeitam a norma, muito desejosos do Jornal. «Mandem já a última edição» — implora um deles!

Um pormenor que trasvasa de **procição** em **procição** é o cuidado de expandir O GAIATO entre famílias do mesmo sangue, amigos mais próximos, companheiros de trabalho! Passa à nossa frente um peregrino de Guimarães:

«Tenho lido os vossos jornais — de que não sou assinante. Por isso, venho pedir que me inscrevam a partir desta data, bem como os meus filhos...»

Noutras cartas, tios indicam os sobrinhos, filhos inscrevem os pais e sogros, e o Fogo também crepita entre primos:

«Recebi O GAIATO durante todo o ano de 1984. Junto estes 500\$00 para o Jornal. Como sabem, sou estudante, tenho apenas 14 anos e não tenho mais possibilidades. Adoro receber O GAIATO pois dele tiro grandes ensinamentos.

Gostaria de receber os livros do Padre Américo, mas só um de cada vez (mandámo-los todos, imediatamente...). Vou

dar-lhes as direcções de dois priminhos meus que gostariam de receber O GAIATO. Têm 8 anos. Um é de Arrentela. O outro, é uma priminha que vive no Norte.»

Linda-a-Velha:

«A minha sogra tem 76 anos. Quer ser assinante do Jornal. Vê com dificuldade, mas lê O GAIATO com muito interesse. O meu sogro tem já 82 anos. São uns velhotes muito simpáticos!...»

Acontece recebermos inscrições por via telefónica! Algumas vezes é o próprio — como agora, enquanto alinhavamos este apontamento. Outras, são amigos que indicam pessoas **«muito interessadas em assinar O GAIATO e que desejam o Jornal o mais rápido possível. Mandem já o da última edição»** — acrescentam.

O nosso Padre Carlos motivou, recentemente, quase duzentos novos assinantes, em Beja. O sangue trastagano — que nos corre nas veias — ferve quando aparece gente do Alentejo!

Mais: Um grupo de **macanudos**, da Banda do Cidadão, decidiu sintonizar muitos com O GAIATO — a propósito do 45.º aniversário da Obra da Rua. Depois, vieram até Paço de Sousa fazer um **conteste** directíssimo, sem TSF, no primeiro domingo de Janeiro. Além do mais, houve **macanudos** que se inscreveram logo como assinantes. Agora — disse um dos responsáveis pela confraternização — **«vamos conseguir assinantes por núcleos regionais»**.

Alto lá! Não seria curial fechar a **procição** sem darmos relevo ao **Óbulo da Viúva**, que vem da Praia da Rocha — Algarve:

«Sou retornada de Angola. Trabalho a dias. Muito gostaria de ajudar os nossos Irmãos com uma quantia grande...! Porém, como não posso, fiz o que

### RETALHOS DE VIDA

## Manuel



Sou o Manel. O meu nome é Manuel Neves Martins. Tenho 18 anos e nasci no concelho da Sertã. Era ainda pequeno quando minha mãe nos levou para perto de Tomar.

Nunca conheci nem sei quem é o meu pai. Tinha 10 anos quando vim para a nossa Casa do Gaiato, de Miranda do Corvo, onde gosto muito de estar. Vim com dois irmãos mais novos: o «Patinho» e o «Russito». Foi o Serviço Social de Tomar que pediu para irmos para a Casa do Gaiato pois a nossa mãe estava na cadeia.

Fiz a 4.ª classe e fiquei a trabalhar na nossa sala de costura. Fui duas vezes vender O GAIATO, mas perdi-me e só vendi um jornal.

Aos 15 anos entrei para a nossa carpintaria, aprendi a arte e, agora, sou carpinteiro.

Nas últimas eleições fui eleito chefe-maioral e o meu irmão «Patinho» é o 1.º sub-chefe, também eleito.

Despeço-me dos nossos leitores com um grande abraço e votos dum bom Ano Novo.

Manuel Neves Martins

**pude — arranjando mais seis novos assinantes...»**

Como o espaço não dá para mais, limitamo-nos a indicar, por fim, os locais de saída da **procição**. Se de um ou doutro lado partem um ou dois, sítios há em que avançam grupos de mãos dadas — com muita alegria: Porto e Lisboa, o costume, um sem número deles; mais Póvoa de Varzim, S. Miguel do Outeiro, Lordosa (Viseu), Oliveira do Douro, Espinho, Macieira de Cambra, Souselo (Castelo de Paiva), Moita, Amadora, Vila Nova de Gaia, Rio Tinto, Portimão, Justes (Vila Real), Fundão, Pedralva (Anadia), Sertã, Pombal, Alfena (Ermesinde), Maфра, Matosinhos, Leça da Palmeira, Travagem (Ermesinde), S. Pedro da Cova, Sobre Gião (Santo Tirso), Cascais, Estoril, Macieira (Vila do Conde), S. Tiago (Armamar), Paço de Arcos, Salvaterra de Magos, Castelo Branco, Santiago de Bougado, Coimbra, Sacavém, Santo António dos

Cavaleiros, Oeiras, Zambujal, Manteigas, Dume (Braga), Damaia, Queuz, Alcobaça, Bragança, Cacém, Jazente (Amarante), Santarém, Azóia de Cima, Condeixa-a-Nova, Aldeia de Sendim (Tabuaço), Termas de Monfortinho, Montijo, Valbom (Gondomar), Coimbrões (V. N. Gaia), Setúbal, Feijó, Pegões, Viana do Alentejo, Gafanha da Nazaré, Seixal, Reguengos de Monsaraz, Carnaxide, Ovar, Brejos do Assa, Vila Real, Cova da Piedade, Mira de Aire, Murtosa, S. João da Madeira, Carregosa (Vale de Cambra), S. João da Madeira, Cartaxo, Vila Nova de Famalicão, Praia da Rocha, Tomar, Porto Manso (Baião), Cedovim, Alcochete; Paris (França), Stuttgart e Münster (R. F. A.): «Esta Missão tem muito gosto n'O GAIATO, até para que aqui se não esqueçam da Obra da Rua» — acentua o Padre José.

Júlio Mendes

## TRIBUNA DE COIMBRA

O nosso aniversário foi muito marcado pela reunião de família. Foi consolador e o dia de grande festa. Na véspera chegaram dois com suas esposas e filhos: um de Cascais e outro de Viana do Castelo. No dia, logo de manhã, começou o largo a encher-se. Uns de comboio, outros de automóvel, outros de camionetas de carga, outros de outros modos. Um largo de abraços, de beijos, de sorrisos, de exclamações. Há quantos anos alguns já se não encontravam!

Os mais velhos reuniram-se para se organizar em Associação e assim se ajudarem a caminhar melhor na vida. Foram simples e práticos e ao meio-

dia estavam livres. O centro do dia foi a reunião à volta do altar e a celebração da Eucaristia. O nosso Bispo D. João quis estar connosco, como todos os anos nestes dias. As palavras que dirigiu a todos foram de paz e esperança; paz e esperança em Jesus Cristo, mais uma vez revelado neste dia como Salvador de todos os homens. Jesus Cristo em Quem Pai Américo acreditou e confiou e a Quem entregou a Obra da Rua e cada um de nós.

No fim, o convívio, à volta de grandes mesas com os farnéis que cada um trouxe. Teve de ser na serralharia, pois não havia outro espaço coberto para recolher todos e o

dia estava de neve. Foi uma hora extraordinária de partilha: partilha de farnéis e partilha de amizade. D. João conviveu com todos e levou e deixou boas recordações.

Depois de alguma coisa quente, no bar, os mais velhos terminaram de novo em paz e esperança.

E o fim do dia aproximou-se com as despedidas até breve. Mais abraços, mais beijos, mais sorrisos, mais lágrimas de alegria. Mais votos de outro dia feliz, outro dia de paz, outro dia de amor.

Que todos queiramos que assim seja.

Padre Horácio

# AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª página

taria. Mais importa reiterar o propósito de servir, enquanto nos for possível, conscientes das nossas fragilidades e limitações e certos que as vitórias não se conseguem pela força mas pela fraqueza e que um «Padre da Rua», se se quiser fiel ao espírito do Fundador, deve ser «o homem queimado interiormente e constantemente pelas necessárias vicissitudes da Obra, até ao desgaste final — a morte».

Nunca se falou tanto como nos tempos que correm, mas, quando se trata de dar o corpo

ao manifesto, poucos se querem expor. Ora, no campo específico da Obra, desde os Pobres, aos Doentes e aos Rapazes, há necessidades prementes e volumosas, como jamais conhecemos. Todos os dias, e isto sem exagero, somos solicitados de todos os lados, sinal evidente que as coisas vão mal. Uns limitam-se a dar conselhos; outros dizem palavras bonitas sem mexer numa palha; alguns pensam só em termos económicos. As questões, porém, residem essencialmente na disponibilidade das pessoas. Pobre sociedade que não forja no seu seio os elementos indispensáveis para serviço daqueles que carecem de apoio ou que necessitam de mãos fraternalmente estendidas, enquanto se multiplicam os inúteis, os bem falantes, os egoístas e os ambiciosos!

Mau grado o que antes expomos, queremos continuar a pensar em termos de viva esperança. Esperança de levarmos por diante a nossa missão e esperança que alguns nos venham ajudar ou substituir neste trabalho, nem sempre fácil, é certo, mas aliciante. A consciência de podermos ser úteis é um bálsamo que nos consola

e dinamiza, sem restrições, para a entrega da nossa própria vida, aqui ou noutros lugares, em favor dos nossos Irmãos. E estamos bem acompanhados por Aquele que levou a vida mortal a servir e deu a vida por todos os homens.

■ Encontramo-nos no começo de um novo ano, época propícia para fazermos planos e sonharmos alto. Claro que tudo deve ser condicionado pelo bem dos Rapazes que aqui chegam. Eles são o princípio e o fim de toda a nossa acção, mesmo que não aproveitem dos nossos esforços ou que haja até ingratidão. «Não se molestem e sofram com paciência, até ao fim, a ingratidão dos a quem servem, se a houver», deixou-nos dito Pai Américo. Tentar «fazer de cada Rapaz um Homem» eis o nosso reiterado propósito, ajudando cada um a descobrir a sua própria consciência.

No aspecto material, na posse do terreno já aqui referido,

vamos lançar-nos no difícil e moroso trabalho de ajudarmos alguns Rapazes a construir as suas próprias casas. Com o pavilhão social-polivalente na fase desgastante e demolidora dos acabamentos, aguardamos os projectos da nossa Capela, pois o Tojal é a única Casa do Gaiato que não a tem, enquanto pensamos também no alcatroamento da Aldeia e na construção de um tanque-piscina, para lá de aspectos de saneamento e de rega indispensáveis.

Duma coisa estamos convictos, aliás, porque não dizê-lo uma vez mais?, não serão as dificuldades materiais que nos impedirão de continuar a dotar esta Casa das estruturas indispensáveis e de proporcionar aos seus Rapazes condições de dignidade. Deus é grande e os nossos Amigos, oriundos dos mais variados estratos sociais, nunca nos deixarão ficar mal. Haja gente, sacerdotes e senhoras, dispostos a dar-se, sem reticências, que tudo se conseguirá. Vale a pena entregarmo-nos, de corpo e de alma, ao serviço daqueles que aqui chegam, vítimas inocentes duma sociedade iníqua e sem respostas para os seus membros mais

carecidos. E os que são alvo do interesse e do carinho da nossa entrega tudo merecem, mesmo que levem tempo a compreender o seu significado ou, até, por hipótese, nunca o cheguem a reconhecer. Somos pobres semeadores a quem não é lícito, para satisfação própria, exigir resultados, porque melhores instrumentos da Providência.

■ Duas notas finais, neste limiar de 1985. A primeira constitui um renovar dos avisos já feitos nestas colunas sobre os falsos peditórios a favor da Obra da Rua. Não utilizamos tais processos. Em Lisboa, por exemplo, ao longo de todo o ano, grupos de pessoas, particularmente raparigas novas comandadas por uma «chefe», com ou sem auto-colantes, utilizam os lugares de maior movimento, como as ruas da Baixa e do Chiado, para tal fim. Agradecemos aos nossos Amigos que passem a palavra.

A segunda nota diz respeito aos livros da nossa Editorial, à venda em todas as Casas do Gaiato e, por comodidade, na livraria dos Paulistas, na Rua de S. Nicolau, em Lisboa.

Padre Luiz

## DOCTRINA

● Parece ser modo de vida que prende, isto de estender a mão a quem passa e, contudo, a gente nunca se habitua a ele.

● Por um desconcerto de ideias de que ninguém sabe dar conta, quantas vezes não desejaríamos nós encontrar fora de casa aquela mesma pessoa que em sua casa vamos procurar! Tal violência faz em nosso coração a vida dos desgraçados, que nos leva a sorver todos os dias este remédio deliciosamente amargo — pedir!

● Os Algarismos que mostro, os casos que narro, as necessidades que tenho, a sopa que os Pobres comem — tudo verdade. Eu acredito no valor e na força da Verdade; nem outra coisa tenho dado aos leitores; por isso nunca se cansam de ler.

● Se todos compreendessem o que é salvar pequenitos do vício; segredar-lhes coisas sãs, à laia de quem brinca com eles; dar-lhes uma tarde de sol; falar-lhes de Deus; furtá-los ao pecado!... Mas não; ninguém está para se ralar; quem vier atrás que feche a porta.

● Somos o porta-voz dos Pobres ignorados, de histórias cruciantes e de males sem cura. Conquistar o coração deles é segredo divino que dá à vida uma experiência totalmente desconhecida do Mundo; e leva a gente a saltar montes e vales para trazer à beira da cama aquilo que nos é solicitado: «Traga-me uma arrufadita quando cá voltar, sim?»

● Cada Pobre fala da sua maneira e a todos é necessário confortar. Assim se furtam homens ao banco dos réus!

*Padre Américo*

(in Pão dos Pobres — 1.º volume)

## Pai Américo

Cont. da 1.ª página

mos ter. Humilde é o que se reconhece pobre e aceita a sua condição; e acredita que, quanto mais pobre de si mesmo, mais nele refulgirá com evidência o dom de Deus.

É esta Fé que Pai Américo vive heróicamente, aceitando com simplicidade de criança a fecundidade imensa com que Deus o distingue e a justifica com intrepidez constante, atribuindo tudo Aquele de Quem tudo procede.

«Humilde é o homem que se deixa ultrapassar», disse-o ele sem qualquer restrição. Quando é Jesus Aquele que ultrapassa, com o direito que Lhe vem de ser Ele o Verbo por Quem é tudo quanto existe, o justo rejubila, como João Baptista, e afirma a sua convicção absoluta de que não há ninguém imprescindível na proclamação do Evangelho. Todos somos servos inúteis e o Senhor chama quem quer. Melhor! Ele chama-nos a todos, e a cada um pede na medida que lhe dá. Feliz o que responde conforme recebeu!

Pensamos que Pai Américo é um destes felizes. O seu desprendimento de quanto Deus gerou nele e por ele, máximamente expresso na afirmação «a minha Obra começa quando eu morrer», é pedra de toque da sua Humildade, da sua Pobreza, do seu ser de sinal de Cristo, «sombra a dizer que a Luz é».

Padre Carlos

□ Uma vez mais, aquela mulher veio até nós a dizer da sua justiça. É mãe e foi esposa. Um dia, pedira a Deus se o marido fosse ajudado em seus negócios, pagaria os estudos a um rapaz que quisesse ser padre. Deus fez-lhe a vontade, mas o marido perdeu a cabeça com o dinheiro e outras mulheres. Deixou-a e aos filhos também. Ela não desespera. Aceita. Não se revolta nem se sente traída. Deus deu e o homem tirou. E que fosse Ele a tirar!... É a lição do Livro de Job.

A Fé é a doutrina da vida! Por isso, aquela mulher de Fé veio cumprir. Traz os primeiros dons prometidos para pagar as despesas do nosso Bento. Naquele mesmo dia, ele nos escrevera do Seminário a dizer que os selos estavam caros e, daí, a sua demora em dar notícias. A partir de hoje, o Bento sabe que tem uma senhora amiga que lhe paga os selos, os livros e os estudos... — E se o Bento desiste? — perguntei. Oh homem de pouca fé! A resposta saiu com muita simplicidade: — **Paro ali e recomoçarei dali.** Ora eis! — diria Pai Américo.

□ Entramos os dois — eu e o Santana — no Tribunal de Menores, do Porto, sem sabermos bem o que iria acontecer. Eu... Ele já sabia, pelo menos, que as decisões sobre o seu futuro viver, lhe pertenciam.

Desde pequenino que vivera na Obra de N.ª S.ª das Candeias. Feliz. Em certo momento, a mãe, desequilibradamente, vie-

ra buscá-lo. Tudo se perturbou. Hoje, ele tem doze anos. E no seu corpo traz a marca dos conflitos do seu ambiente familiar. Daí que fugisse para onde desde pequenino viera e vivera como filho. E, dali, passou para a nossa Casa do Gaiato, em Paço de Sousa. Então, o Tribunal quis ouvir tudo e todos, para decidir a quem pertencia o Santana, agora. O ambiente era pesado. O filho a acusar os pais e vice-versa, etc., etc., etc.!... Não é bem, para bem de todos, este processo, assim — disse-o eu, na altura própria, a quem de direito. Fomos atendidos para futuros casos deste género. Ainda bem! E, finalmente, veio a pergunta do Julz, dirigida ao Santana: — **Queres viver com os teus pais ou na Casa do Gaiato?** A opção pela nossa Casa era inevitável, por tudo. A face mais difícil da decisão não estava ali. É, a partir deste momento, que o assumir da sua posição será o reflexo de toda a verdade do seu querer. Ele, tão novinho, tão marcado pela vida e assim obrigado a escolher, por si, um novo ambiente familiar! Aqui, um mundo de novidades boas e dificuldades

que o Santana vai vivendo, acompanhado por todos.

Aos doze anos fez uma dolorosa e feliz opção! E, à saída do Tribunal, já no meio do barulho da cidade, desabafou-me: — **Não posso perdoar a minha mãe... Ela mentiu!...** Foi um desabafo. Ele compreendeu, e cada vez melhor, que o perdão aos outros e à sua mãe é um bem para si em primeiro lugar. E que a opção do perdão é dom de Deus que se manifesta em todos os nossos passos, dados com amor e dor, para o encontro da Paz. É Cruz... É Ressurreição! Eis o caminho dos Homens para Deus!

Padre Moura

## ATENÇÃO

Quando nos remeter importâncias para a assinatura d'O GAIATO ou da Editorial, o Lector não se esqueça de recortar e mandar o seu nome e o número de assinante que vão no endereço do jornal ou na embalagem dos livros — preciosos elementos para localizarmos a respectiva ficha, ordenada por ordem alfabética. Obrigado.



Director: Padre Telmo  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285  
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel